

TRADUÇÃO LITERÁRIA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM “ONE CHRISTMAS EVE”, DE LANGSTON HUGHES

Isadora Moreira Fortunato*

Resumo: Este trabalho apresenta algumas reflexões sobre a nossa tradução do conto “One Christmas Eve”, de Langston Hughes (1902-1967), parte da obra *The Ways of White Folks* (1934). São discutidas teorias da tradução que tratam de marcas de oralidade (Bandia, 2012; Rosa, 2015) e de variação linguística em relação ao *African American Vernacular English* (AAVE) e ao português brasileiro (Bagno, 2012; Ezgeta, 2012; Labov, 1972; Lucchesi, 2009). Com isto, pretendemos analisar a possível representação de variedades linguísticas nos sistemas literários fonte e alvo (americano e brasileiro) e explorar soluções tradutórias para tais variedades, ligadas à representação de grupos de fala, compreendendo a legitimidade destas variedades linguísticas, suas sistematicidades e entendendo que elas caracterizam os falantes no texto literário.

Palavras chave: Tradução comentada. Oralidade. Variação linguística. Langston Hughes.

Abstract: This article presents a translation with commentary of Langston Hughes’ (1902-1967) short story “One Christmas Eve” (1934), from the book *The Ways of White Folks* (1934). Theories regarding representation of orality in translation (Bandia, 2012; Rosa, 2015) and that analyze linguistic variation regarding African American Vernacular English and Brazilian Portuguese (Bagno, 2012; Labov, 1972, Ezgeta, 2012, Lucchesi, 2009) are the basis of the discussion. The aim is to investigate the representation of speech in literature and how linguistic varieties are portrayed in literature on both literary systems (source and target). The aim is also to explore possibilities of translating linguistic varieties that represent a speech group in the written text, understanding that these linguistic varieties are legitimate and systematic and that they characterize speakers in fictional texts.

Keywords: Translation with commentary. Orality. Linguistic variation. Langston Hughes.

Este artigo apresenta a nossa tradução comentada do conto “One Christmas Eve”, de Langston Hughes (1902-1967), faz parte da obra *The Ways of White Folks*, publicada em 1934. O embasamento teórico para a tradução e comentários considera marcas de oralidade, de estilo, estratégias de tradução de prosa (Britto, 2012) e sobre o *African American Vernacular English* (Labov, 1972). Além disso, o texto visa a analisar elementos contextuais como o movimento cultural conhecido como *Harlem Renaissance*, no qual o autor estava inserido, suas influências para a produção da obra e as características estilísticas do conto propriamente dito.

* Mestranda - Programa de Pós-Graduação de Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense (UFF). Email: isadora.mfortunato@gmail.com.

No conto, o autor traz personagens afro-americanos da margem da sociedade para o centro em sua narrativa por meio dos temas que aborda (segregação racial, vulnerabilidade econômica, injustiça social, lógica capitalista e racista, exclusão) e, principalmente, através da representação da variedade linguística, o *African American Vernacular English* (AAVE). Esta estratégia literária de marcar a oralidade revela a expressão de identidade racial do autor e de seu grupo étnico e linguístico de minoria na sociedade americana.

Este conto, assim como a obra no todo, ainda não possui tradução para o português brasileiro. Portanto, ao propor um texto traduzido com foco na análise e tradução de marcas de oralidade, esta pesquisa tem a intenção de se inserir nos debates acerca de questões linguísticas e sócio históricas sobre como a temática da negritude é trabalhada em textos literários no sistema de literatura traduzida no Brasil.

O autor, James Mercer Langston Hughes (1902-1967), nasceu em Joplin, no estado do Missouri, Estados Unidos, em uma época anterior ao Movimento dos Direitos Civis, portanto, uma época ausente de qualquer igualdade de condições sociais, políticas e econômicas entre as pessoas. Era um período de incertezas, os afro-americanos não tinham proteção legal contra a discriminação racial no país²³, não eram tratados como cidadãos plenos, principalmente no sul, onde as leis de Jim Crow²⁴ vigoravam. Na verdade, durante o período em que durou a segregação racial no sul dos Estados Unidos, a lei assegurava que esta segregação fosse instalada e cumprida nas diversas instituições sociais como um todo e na vida cotidiana.

Em sua fase adulta, quando Langston Hughes já estava em Nova Iorque, o autor passou a fazer parte do movimento artístico e cultural conhecido por *Harlem Renaissance* (1917-1935). Após ingressar na Lincoln University em 1925, obteve apoio para publicar seu primeiro livro de poemas que obteve atenção do público-leitor, *The Weary Blues* (1926). A publicação desta e das obras poéticas seguintes ajudou a

²³ Cf. Tidwell and Ragar, 2007, p.2.

²⁴ Políticas legislativas que vigoravam no sul dos Estados Unidos e que eram base para a segregação racial na região. A era de Jim Crow teve fim em 1964, com o Ato dos Direitos Civis.

estabelecer o estilo do escritor²⁵ e, provavelmente, como seria reconhecido no sistema literário americano e, mais tarde, estrangeiro.

Na década de 1930 publicou *The Ways of White Folks* (1934), seu primeiro livro de contos dentre os quais figura “One Christmas Eve”, cuja tradução comentada realizamos. A obra foi publicada em um contexto de dificuldade econômica, pois o país ainda se recuperava dos efeitos da Grande Depressão e nesta época, Hughes estava em uma fase em que sua expressão política e literária era mais confrontadora (ao se comparar com a produção da década de 1920). Segundo Robert Young: “while Hughes’s 1920s poetry deals with the effects of racial oppression, the 1930s poetry focus more specifically on the cause of that oppression – an exploitative economic structure” (2007, p.141).

Em um período de desesperança generalizado, um reflexo da quebra da bolsa de valores de Nova Iorque e da profunda crise econômica gerada, as condições sociais de racismo, desemprego e pobreza geraram no ideário artístico uma literatura de cunho marxista, proletário e de protesto (Ruland e Bradbury, 1991). Havia uma predominância de associações comunistas no país e o ideário corrente estava associado a uma tentativa de responder aos tempos de crise econômica, ligando-os à influência danosa do capitalismo desenfreado. A escrita literária de Langston Hughes nesta época refletia os tempos de discussão crítica quanto ao cenário econômico e social, com a concepção de que o capitalismo não era um sistema que oferecia apoio às famílias afro-americanas (N.Williams and M. Williams, 2007, p. 116).

Já o movimento artístico-literário conhecido como *Harlem Renaissance* (1917-1935), do qual Hughes fez parte e é, possivelmente, um dos nomes mais proeminentes, floresceu no Harlem e em outras áreas dos Estados Unidos (Daneman, 2015), sendo o bairro também centro difusor de toda a produção artística da comunidade negra do período para outras áreas como a França e o Caribe. O trabalho de Hughes, por exemplo, chegou ao acesso dos escritores francófonos que tratavam da diáspora africana como Léopold Sédar Senghor, Paulette Nardal e Etienne Léro (Tidwell e Ragar, 2007, p. 7). Na época de seu surgimento, era conhecido como *New Negro Movement* (Novo

²⁵ Cf. <https://www.biography.com/people/langston-hughes-9346313>. Acesso em: 13jul.2017.

Movimento Negro, em tradução literal) ou *Negro Renaissance* (Renascença Negra, em tradução literal), mas como a palavra “*negro*” caiu em desuso, o termo *Harlem Renaissance* ganhou força. O movimento possuía a premissa de expressar a representação, identidade e a contribuição do afro-americano através de sua produção artística e cultural, além de oferecer uma nova visão sobre a cultura afro-americana, indo além dos estereótipos raciais até então vigentes na cultura geral. O objetivo era produzir obras artísticas e estudos de afro-americanos, inserindo-os na cultura geral, até então dominada por artistas, literatos e pensadores brancos.

Na época, novas técnicas e convenções artísticas ligadas ao modernismo foram criadas. Havia postulados que instruíam à produção de uma arte espontânea, tecnicamente e estilisticamente inovadora. Os escritores possuíam um espaço privilegiado como aqueles que observavam a sociedade na qual estavam inseridos e, portanto, era seu papel prover um entendimento diferente acerca dela (Govan, 2007, p. 150). E o que Langston Hughes fez em sua obra foi exatamente fornecer esta visão distinta da sociedade em sua literatura. Seus contos apresentam o choque, a violência e o preconceito acerca dos afro-americanos ao mesmo tempo em que satirizam a exaltação modernista da época (caracterizado pelo postulado “*Make it New!*” de Ezra Pound). Também apresentam uma outra representação da linguagem e da maneira de narrar (como, por exemplo, os fluxos de consciência, a representação da oralidade e do *African-American Vernacular English* em “*One Christmas Eve*”). Logo, o autor emprega técnicas modernistas na forma e no conteúdo de seu texto.

O conto traduzido, “*One Christmas Eve*”, trata de questões contextuais dos Estados Unidos da década de 1930 relativas ao racismo e ao capitalismo como um sistema que promovia desigualdades. O conto se passa no sul do país (a segregação racial retratada e o uso de expressões da linguagem falada indicam esta possibilidade) durante a véspera de Natal e Arcie, a personagem principal, trabalha como empregada doméstica para uma família branca e é injustamente paga. A época de Natal é representada por uma imagem de consumismo e bens materiais, bens que, por sua vez, estão longe do acesso das personagens afro-americanas (Arcie e seu filho, Joe). Os dois passam pelo centro da cidade, mas não podem comprar uma árvore de Natal ou entrar nos cinemas (devido à

segregação, alguns cinemas eram destinados apenas a pessoas brancas). Arcie precisa procurar por lojas que vendem artigos mais baratos para comprar seus itens de Natal. É possível perceber a discussão que o autor faz acerca da injustiça que o sistema capitalista impõe a afro-americanos da classe trabalhadora aliada à injustiça racial que a segregação cria.

Em “One Christmas Eve” é possível entrever este contexto de segregação econômica e social também no sentido de que enquanto a patroa pode comprar presentes para os filhos, Arcie precisa buscar lojas que vendam produtos a preços baixos para poder comprar um presente para o filho. Esta dinâmica que o capitalismo impõe, a necessidade de consumir no feriado de Natal, é uma discussão que, no texto de Hughes, está aliada tanto a questões raciais quanto a questões econômicas. Segundo Robert Young (2007), na verdade, não mais se descreve a opressão racial apenas, mas também há uma explicação sobre a mesma e sua inserção em um contexto socioeconômico maior e, com isto, formam-se bases para um projeto radical que inclui as relações de classe.

Tais aspectos, tanto contextuais quanto artísticos, ajudam a esclarecer um pouco as nossas bases para uma possível leitura e tradução do texto de Hughes. Isto não significa dizer que esta seria uma única leitura possível ou uma na qual predomine um teor sociológico. Entende-se este trabalho como uma tentativa de compreensão e análise que se insere dentro de um contexto racial e social, refletido nas estratégias narrativas, e levando em consideração que havia um discurso corrente de minorias com o objetivo de assumir uma posição de destaque nos sistemas literário, político e social americanos.

Traduzindo “One Christmas Eve”

Neste segundo momento serão discutidas questões relacionadas ao modo como a oralidade e a variação linguística figuram neste conto e que interpretações e estratégias de tradução podem apontar. No conto “One Christmas Eve”, encontram-se duas instâncias literárias que se manifestam distintamente em relação à língua. Há a instância do narrador, que se utiliza, na maioria das vezes, de um discurso que não caracteriza (*non-characterizing discourse*), voltado à norma padrão da língua e há

também a instância dos personagens, que se utilizam de um discurso que os caracteriza (“characterizing discourse”) e traz maiores possibilidades de apresentar a oralidade (Rosa, 2015, p. 212). Oralidade, neste contexto, relaciona-se ao conceito também exposto por Alexandra Assis Rosa (2015): seria uma recriação da linguagem falada no texto literário e não implicaria em uma reprodução integral da fala no texto escrito. O emprego da oralidade enfatizaria o uso linguístico de um personagem ou grupo através da reprodução de elementos de fala que caracterizam (“a mimetic characterizing diction” (p. 209)). Ao dar-lhe um determinado modo de fala que é caracterizador, marca-se a falta de prestígio que uma variedade ou uso linguístico de um determinado personagem possui em um grupo social.

Nossa tradução procura acompanhar o discurso do narrador, que oscila entre a norma padrão, socialmente aceita (apresentado, portanto, como um discurso não caracterizador), e as marcas de oralidade (recriação da fala no texto escrito), relacionadas à linguagem falada (nestes momentos, apresentando um discurso caracterizador). É importante observar que tais marcas de oralidade, que indicam o uso não-padrão e que, em outras vezes, representam uma variedade linguística (o *African American Vernacular English* (AAVE)), ocorrem tanto na voz dos personagens quanto na voz do narrador quando este se vale do fluxo de consciência. O narrador parece dominar o discurso, porém ele também apresenta traços da linguagem falada. Algumas decisões tradutórias relacionadas a este aspecto foram tomadas: quando este narrador assume um discurso não-caracterizador, padrão, optamos na tradução pelo uso de formas sintéticas (mais relacionadas à norma padrão) e o uso do ‘havia’ (ao invés de ‘tinha’) em algumas locuções verbais.

Outro exemplo seria o uso de formas da norma padrão como o pretérito mais-que-perfeito como equivalente do *Past Perfect* (ex: “Ele nunca **tivera** uma e é bom ter essas coisas quando se é criança” ao invés de “Ele nunca teve/tinha tido”. Ou ainda: “Ficara com as costas doídas” ao invés de “tinha ficado”). Por outro lado, nas falas e no fluxo de consciência dos personagens utilizamos a forma “pra” e ‘tá’ ao invés de “para” e ‘está’ como indicativo da linguagem falada e informal na tradução.

Porém, é possível perceber no texto-fonte a utilização de formas contratas da língua inglesa (ex: it is = it's; would not = wouldn't), seja no discurso do narrador, seja nos diálogos dos personagens. No primeiro quadro, a utilização de tais formas traz um tom mais informal ao texto, considerando-se o fato de que na língua-fonte (língua inglesa), a utilização de formas contratas está relacionada a um registro menos monitorado²⁶. Portanto, tentamos empregar na tradução estruturas que estivessem relacionadas a um registro menos monitorado no português; uma delas seria a dupla negativa (conforme o quadro 2).

Quadro 1: norma padrão

He'd never had one yet, and it's nice to have such things when you're little (HUGHES, 1934, s.p.).	Ele nunca tivera uma e é bom ter essas coisas quando se é criança.
--	--

Quadro 2: Fluxo de consciência²⁷

What made white folks so darned inconsiderate? Why didn't they come on home here to supper? They knew she wanted to get off before all the stores closed. She wouldn't have time to buy Joe nothin' if they didn't hurry (HUGHES, 1934, s.p.).	Por que os brancos não tinham consideração nenhuma ? Por que não vinham jantar? Sabiam que ela queria sair antes de as lojas todas fecharem. Não daria tempo de comprar nada pra Joe se eles não se apressassem.
--	--

Na questão da representação da variação linguística, esta se apresenta em "One Christmas Eve" no uso do *African American Vernacular English* (AAVE). A definição de AAVE utilizada neste trabalho se refere à variedade do inglês americano falado por afro-americanos nos Estados Unidos, que foram trazidos do oeste da África para o sul dos Estados Unidos e que depois migraram para o norte, atraídos pela atividade industrial e repelidos de onde estavam pela segregação racial²⁸.

²⁶ Cf. <https://www.inglesnapontadalingua.com.br/2010/07/gramatica-as-contracoes-da-lingua.html>. Acesso em: 7 ago 2017.

²⁷ Todos os grifos deste e dos próximos quadros são meus.

²⁸ Cf. https://www.uni-due.de/SVE/VARS_AfricanAmericanEnglish.htm. Acesso em: 07out2017.

Através de uma transmissão linguística não formal, o inglês adquirido pelos africanos escravizados e passado a seus descendentes carregaria influências das línguas africanas. O AAVE possui uma gramática e vocabulário próprios, sendo, portanto, uma variedade dentre outras do inglês americano. Ezgeta (2012) faz uma ressalva acerca do uso do AAVE: esta variedade não se estende a toda população afro-americana em todo e qualquer contexto. Os falantes alternam entre ela e o inglês padrão, dependendo da situação comunicativa.

No movimento da *Harlem Renaissance*, o AAVE era utilizado nas obras literárias de alguns autores que desejavam promover uma identificação maior com os leitores afro-americanos (Johnston, s.d)²⁹. Esta variedade é utilizada também para dar um senso de identidade, ou seja, o artista expressa e determina a sua existência como indivíduo através de elementos constitutivos de seu grupo. Segundo o site *Boundless.com*:

The New Negro movement insisted on self-definition, self-expression, and self-determination, striving for what Locke called, "spiritual emancipation." The Harlem Renaissance participants who emerged from this new idealism, regardless of their generational or ideological orientation in aesthetics or politics, shared a sense of possibility. The many debates regarding art and propaganda, representation and identity, assimilation versus militancy, and parochialism versus globalism enriched perspectives on issues of art, culture, politics, and ideology that have emerged in African-American culture (Boundless, s.d.).

A opção escolhida para traduzir uma variedade específica de um grupo racial foi o português popular brasileiro. O primeiro motivo para tal escolha seriam traços que ambas as variedades compartilham. Segundo Lucchesi (2009, 2012), o português popular brasileiro também se desenvolveu a partir da aquisição defectiva da língua portuguesa pelos indígenas e, principalmente, africanos trazidos ao Brasil para serem escravizados. Ele surge a partir do que Lucchesi define como Transmissão Linguística Irregular (TLI), que seria uma transmissão não formal do português a estes povos escravizados pelo colonizador europeu. Esta variedade surge também do contato entre línguas, ou seja, quando a utilização por parte destes povos de mecanismos das gramáticas de suas próprias

²⁹ Cf. <http://scalar.usc.edu/works/harlem-renaissance/writers>. Acesso em 08 set 2017.

línguas para tornar possível a aquisição da nova língua (o português). É possível notar que ambas as variedades, da língua-fonte e da língua-alvo, guardam semelhanças sócio-históricas. Além das características relacionadas às origens de ambas as variedades, os juízos de valor como “incorreção” e “desvio” atribuídos a elas são parecidos. Marcos Bagno atesta que “o **estigma** e o **prestígio** atribuídos às formas linguísticas [...] não têm a ver com as características propriamente linguísticas do fenômeno, mas sim com **avaliações sociais lançadas sobre os falantes**, isto é, sobre os seres humanos que empregam essa ou aquela forma linguística” (2007, p.76, grifo do autor).

Em relação ao AAVE, esta variedade é considerada um desvio da língua inglesa padrão, segundo análises do sociolinguista norte-americano William Labov (1972). O teórico mostra que alguns estudos anteriores ao seu atestavam que a utilização desta variedade implicaria em uma organização e expressão do pensamento e da linguagem que eram ilógicas, querendo dizer que não era uma organização que obedecia às regras que o inglês das classes médias possuía (síntese, estruturas gramaticais completas na estrutura SVO (sujeito-verbo-objeto), entre outras). Em seu trabalho, Labov contesta tais pontos e, a partir de vários exemplos de testes realizados, atesta que o AAVE é uma variedade com organização linguística interna própria e que expressa significados de maneira efetiva, ao contrário do que se postulava.

Já no Brasil, o português popular é uma variedade também estigmatizada e isto está relacionado à divisão de classes na sociedade. Segundo Bagno (2007), o uso da norma culta ou da variedade popular sinaliza o grupo social ao qual um determinado indivíduo pertence e determina como será tratado. De acordo com o linguista, o uso da variedade popular sinalizaria que o falante é proveniente das classes populares, possui baixa escolaridade, o que, portanto, gera um preconceito, sobretudo linguístico, pois o falante desta variedade receberá uma avaliação negativa sobre si e terá menores condições de se estabelecer social e economicamente se não adquirir e utilizar a norma padrão, sinônimo de instrução. O ponto em comum com o AAVE é que falar corretamente, em ambas as sociedades, está relacionado ao falar que é considerado a norma/ o *standard*, um modelo de fala associado às elites. Esta é a ideologia que se impõe acerca da língua

em uso, logo, qualquer outro modo de falar significa um desvio que, por sua vez, é julgado à base de preconceito linguístico e social, o que gera e fomenta uma hierarquia social.

Para a tradução, um ponto crucial é a seguinte diferença entre os sistemas linguísticos fonte e alvo: ao passo que o AAVE é uma variedade ligada a um grupo racial, podendo até mesmo dizer que é uma variedade específica de um único grupo de falantes, o português popular brasileiro não possui tal característica sociolinguística. Segundo Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009):

Não se reconhece no Brasil uma fronteira linguística determinada por fatores étnicos, como ocorre, por exemplo, nos EUA, onde o chamado Black English constitui uma variedade específica do inglês empregada pelos afro-americanos. (...) Se o afrodescendente tem curso universitário e é filho de pais também de nível superior, ele certamente será um falante da **norma culta brasileira**. Entretanto, infelizmente, a maioria dos afrodescendentes ainda se situa na base da pirâmide social, sendo geralmente falantes da **norma popular urbana**, ou **rurbana** (p. 31-32, grifo dos autores).

O questionamento que surge é: como conciliar estas diferenças no processo de tradução? É possível? Qual seria o ponto de partida? No processo de tradução foi necessário considerar um aspecto apontado por Vanessa Hanes (2013):

[...] apesar de a variante oral ser bem-aceita há décadas na televisão, em expressões culturais orais, e até em algumas expressões menos “prestigiadas” do português escrito (ex: o cordel), sua aceitação em certos setores de nosso polissistema linguístico ainda é restrita (p. 182).

Este foi um elemento norteador de nossas escolhas de tradução, pois na escrita ou na reescrita de textos no Brasil percebe-se uma maior tendência do emprego da norma padrão ou de estratégias que evitem uma linguagem muito marcada como sugerido por Paulo Henriques Britto em *A tradução literária* (2012, p. 67,). No entanto, Hanes afirma que tal tendência está sendo revista e que traduções mais desviantes da norma padrão estão sendo propostas (Hanes, 2013, p. 193). Logo, ponderamos sobre até que ponto determinada estratégia de tradução do texto de Hughes seria ou não bem recebida por conta deste aspecto.

Estabeleceu-se que o aspecto mais característico do texto-fonte e que deveria ser representado na tradução seria a variedade do AAVE devido à proposta de

representação de um grupo através da oralidade, seguindo o modelo de hierarquização de conteúdos proposto por Britto na obra citada. Conforme mencionado anteriormente, a literatura de Hughes representa seu grupo racial e sua comunidade de fala, sendo esta uma das propostas artísticas da *Harlem Renaissance*.

Além disso, nesta tradução, partiu-se do princípio de que os elementos da linguagem falada, ainda que reconhecidamente recriados no texto literário, focalizam socialmente uma comunidade e exibem traços linguísticos específicos, criando a visão de alteridade de determinado texto ficcional e a afirmação de um grupo linguístico e social no mesmo (Bandia, 2012; Rosa, 2015).

Um item de estrutura a ser mencionado seria o fato de o AAVE possuir muitas supressões fonológicas. Alguns exemplos ilustrados por Bailey e Thomas (1998, p. 88-92) são: desvozeamento ou eliminação de plosivas sonoras no final de palavras (ex.: cab: cap; hand: han) e eliminação do /r/ pós-vocálico (ex.: store: sto’). Britto aborda em *A tradução literária* (2012) que as traduções de supressões deste tipo não são bem recebidas em um texto-alvo no português brasileiro, e recomenda investir em marcas na sintaxe que representem uma linguagem falada ou em algumas contrações como ‘pra’ (para), tá (está), etc. (p.92). Este fator foi considerado na tradução de “One Christmas Eve”, mas, ao mesmo tempo, pensou-se também em outras estratégias além destas que gerassem um texto traduzido que explicitasse o AAVE e a linguagem oral sem resultar em um texto no qual tais marcas de oralidade fossem suavizadas ou até mesmo suprimidas. Esta opção considera a concepção de que um texto-alvo que apaga ou silencia marcas de oralidade também silencia grupos de fala que são representados no texto por algum motivo, geralmente aliado à afirmação, como o caso do texto de Hughes. Nos quadros a seguir, apresentam-se alguns exemplos nos quais as supressões ‘aceitáveis’ foram utilizadas, conforme proposto por Britto (2012, p. 92), além de escolhas que não obedecem à norma padrão (como, por exemplo, o uso de “ir na” ao invés de “ir à”).

Quadro 3: supressões fonológicas e uso morfossintático não-padrão

“If I just had my money, I might leave the supper on the stove for ’em . I just got to	-Se eu já tivesse com o meu dinheiro, deixava a janta no forno pra eles. Só tenho que ir nas lojas antes que fechem.
---	---

get to the stores fo' they close." (HUGHES, 1934, s.p.).	
--	--

Quadro 4: supressões fonológicas no texto-fonte e alvo

"Why didn't you stand where I left you?" Arcie demanded loudly. "Tired as I am, I got to run all over the streets in the night lookin' for you. I'm a great mind to wear you out." (HUGHES, 1934, s.p.).	--Por que você não ficou onde eu mandei? – Arcie perguntou alto – Cansada do jeito que eu tô , tive que correr por essa rua todinha, de noite, atrás de você. Bem que você merecia uma sova.
--	---

Outro ponto a ser mencionado são as falas de Joe, nas quais ocorre a não concordância entre sujeito e verbo, característica do AAVE (quadro 5). Ezgeta (2012) chama este fenômeno de *durative verbal -s* e considera este fato gramatical uma questão de hipercorreção, já que o AAVE não comportaria a concordância verbal que o inglês padrão exige e os falantes de AAVE empregam o *-s* com outros pronomes pessoais que não os de terceira pessoa para corrigir seu comportamento linguístico e terminam por fazê-lo em demasia. Já outros consideram ser uma questão de ênfase que o falante impõe a seu discurso³⁰. Este aspecto também ocorre na língua portuguesa, porém de maneira diferente. Ao passo que no AAVE é possível a não concordância entre sujeito na primeira pessoa do singular ('I') e verbo (com o *-s* de terceira pessoa do plural) no *Simple Present*, o paradigma verbal no presente do indicativo na língua portuguesa determina uma flexão de número e pessoa específica para a primeira pessoa do singular. Por exemplo, não se diz 'eu vai' na variedade popular brasileira, mas o restante do paradigma verbal pode se manter com a mesma flexão verbal: você, ele(a), nós, vocês, eles(a) vai. Ou, ainda, há o modelo de três formas verbais: eu vou, tu, você, ele(a), vocês, eles(a) vai e nós vamo, eliminando o *-s* da forma " nós vamos" (Bagno, 2007).

Quadro 5: a não-concordância entre sujeito e verbo

" I hears they got a Santa Claus down town," Joe said, wriggling into his worn	- Tão falando que tem um Papai Noel lá no centro da cidade - Joe falou disse,
--	---

³⁰ Cf. <https://www.hawaii.edu/satocenter/langnet/definitions/aave.html>. Acesso em: 08out2017.

little coat. “ I wants to see him.” (HUGHES, 1934, s.p.).	enrolando-se no casaquinho surrado - Quero ir lá ver ele .
---	--

Tal construção em AAVE não é possível em português, portanto buscamos outras soluções que compensassem a tradução desta passagem e que respeitassem as marcas de oralidade (como a supressão fonológica no verbo *estão* e uso de pronome sujeito como objeto direto, parte da variedade popular). Buscamos representar uma variedade estigmatizada na tradução do conto, mesmo com o reconhecimento de que algumas diferenças entre língua fonte e alvo existem e que, portanto, poderia ocorrer a utilização de estruturas distintas ou da não-tradução de certos elementos.

Mais um elemento a ser comentado nesta tradução seria a linguagem que o autor emprega em seu conto nas passagens que mostram o fluxo de consciência de Arcie e Joe. É possível perceber que há predominância de usos informais e do AAVE e não do uso da norma padrão por parte do narrador. Alguns exemplos de usos da linguagem falada (marcados em negrito nas passagens que focalizam os pensamentos de Arcie) são o uso de formas contratas, de expressões da língua falada (*darned* = *damned*), de phrasal verb (*to get off*). Já em relação ao AAVE, pode-se perceber seu uso nas construções com dupla negativa (o verbo na negativa e o pronome indefinido também na negativa (*wouldn't... nothing*), o que Labov (1972) atesta como característica do AAVE, e no uso de verbo no aspecto contínuo indicando ação no presente³¹ (“And her landlady probably wanting to go out and shop”). A dupla negativa também é uma ocorrência do português brasileiro, tanto na norma culta quanto na variedade popular, portanto pôde ser mantida na tradução.

Quadro 6: fluxo de consciência de Arcie e traços da linguagem falada

She looked at the clock on the kitchen table. After seven. What made white folks so darned inconsiderate? Why didn't they come on home here to supper? They knew she wanted to get off before all	Ela olhou para o relógio em cima da mesa da cozinha. Já passava das sete. Por que os brancos não tinham consideração nenhuma? Por que não vinham jantar? Sabiam que ela queria sair antes de as
---	---

³¹ Cf. <http://www.mathcs.duq.edu/~packer/Courses/Psy598/Black%20English.pdf>. Acesso em 07set2017.

the stores closed. She wouldn't have time to buy Joe nothin' if they didn't hurry. And her landlady probably wanting to go out and shop, too, and not be bothered with little Joe (HUGHES, 1934, s.p.).	lojas todas fecharem. Não daria tempo de comprar nada pra Joe se eles não se apressassem. E a senhoria certamente querendo sair e fazer compras também, e não se incomodar com o pequeno Joe.
--	--

Na fala de Joe é possível perceber marcas da linguagem falada na repetição da conjunção “e”, que indica uma sequência de pensamentos do menino. Também é possível perceber o uso de ‘acoming’ (partícula a + verbo de ação), que é parte da linguagem falada, provavelmente influência do dialeto sulista americano³².

Quadro 7: fluxo de consciência de Joe e traços da linguagem falada

Gee, Christmas was pretty. All tinsel and stars and cotton. And Santa Claus acoming from somewhere, dropping things in stockings. And all the people in the streets were carrying things, and the kids looked happy (HUGHES, 1934, s.p.).	Puxa, o Natal é bonito. Todos os enfeites e estrelas e algodão. E o Papai Noel vindo de algum lugar, deixando coisas nas meias. E as pessoas nas ruas estavam carregando coisas, e as crianças pareciam felizes.
--	--

Com os aspectos mencionados é possível compreender que a tradução é um estabelecimento de um texto em outra língua, mas é um trabalho que não trata de língua como um sistema absoluto em si mesmo. O texto traduzido é uma nova escrita, uma ressignificação de língua, sociedade e cultura e estes elementos só se completam na recepção do leitor, em como ele irá compreendê-lo e interpretá-lo. Ao contrário do que se pensa, o trabalho de tradução de língua é também o de tradução de cultura, história e ideologia; não é um processo isolado que se atém apenas a uma nova codificação de estruturas linguísticas suficientes em si mesmas, pois a tradução pressupõe a presença do outro, seja ele inscrito no texto ou existente fora dele.

³² Cf. <https://forum.wordreference.com/threads/acoming-achanging.616625/>. Acesso em: 07 set 2017.

REFERÊNCIAS

AFRICAN AMERICAN ENGLISH. [S.l., s.n., s.d]. Disponível em: https://www.unidue.de/SVE/VARS_AfricanAmericanEnglish.htm. Acesso em: 08 out 2017.

BAILEY, Guy; Thomas, Erik. Some Aspects of African-American Vernacular English Phonology. In: MUFWENE, S., RICKFORD, J. R.; BAILEY, G.; BAUGH, J, (Org). *African-American English: structure, history and use*. New York: Routledge, 1998.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. 1ª Ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BANDIA, Paul. Introduction: Orality and translation. *Translation Studies*, v. 8, n. 12, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/14781700.2015.1023217>.

BLACK ENGLISH. Handout for Psy 598-02. 2001. [S.l., s.n., s.d]. Disponível em: <http://www.mathcs.duq.edu/~packer/Courses/Psy598/Black%20English.pdf> . Acesso em: 07 set 2017.

BRITTO, Paulo Henriques. *A Tradução Literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DANEMAN, Matthew. Harlem Renaissance ushered in new era of black pride. USA Today. 3 fev 2015. Disponível em: <http://www.usatoday.com/story/news/2015/02/03/black-history-harlem-renaissance/22825245/>. Acesso em: 28 ago 2017.

EZGETA, Marijaz. Internal Grammatical Conditioning in African-American Vernacular English. *Maribor International Review*. Maribor: v. 5, n. 1, p. 9-26 (2012). Disponível em: <http://events.ff.uni-mb.si/mir/files/2012/EzgetaGrammar.pdf>. Acesso em: 04nov2017.

GOVAN, Sandra Y. The Paradox of Modernism in *The Ways of White Folks*. In: TIDWELL, Jonh Edgar; RAGAR, Cheryl, R, (Org). *Montage of a dream: the art and life of Langston Hughes*. Columbia: University of Missouri Press, 2007, p. 147-165.

HANES, Vanessa Lopes Lourenço. A tradução de variantes orais da língua inglesa no português do Brasil: uma aproximação inicial. *Scientia Traductionis*, n. 13, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1980-4237.2013n13p178>. Acesso em: 15 nov 2017.

JOHNSTON, Jessica. An archive for virtual harlem. [S.l., s.n., s.d.] c2015. Disponível em: <http://scalar.usc.edu/works/harlem-renaissance/writers>. Acesso em: 08 set 2017.

LABOV, William. The logic of non-standard English. In: _____. *Language in the inner city: studies in the Black English vernacular*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1972. p. 201-240.

LIMA, Denilso. gramática: contracted forms em inglês. c2007. Disponível em: <https://www.inglesnapontadalingua.com.br/2010/07/gramatica-as-contracoes-da-lingua.html>. Acesso em: 7 ago 2017.

LUCCHESI, Dante. A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica. In: LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., (Org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 249-274.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org). *O Português afrobrasileiro*. Salvador: EDFUBA, 2009, p. 31-32.

PRUITT, Sonja; OETTING, Janna. Past tense marking by African American English-Speaking Children reared in poverty. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*. s.l., v. 52, p. 2-15 (2008). Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3390147/>. Acesso em: 26 out 2017.

ROSA, Alexandra Assis. Translating orality, recreating otherness. *Translation Studies*, n. 8, 2015, 209-225. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/14781700.2015.1017833>. Acesso em: 08 set 2017.

RULAND, Richard; BRADBURY, Malcolm. *From Puritanism to Postmodernism: a history of American literature*. Nova Iorque: Penguin Books USA Inc, 1991. P. 319-336.

SIDNELL, Jack. Language Varieties: African American Vernacular English (Ebonics). Disponível em: <https://www.hawaii.edu/satocenter/langnet/definitions/aave.html>. Acesso em: 08 out 2017.

SMITH, Jamil. [A linguist offers a brief immersion in Black English](#). 20 jan 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/01/20/books/review/talking-back-talking-black-john-mcwhorter.html?mcubz=3&mcubz=3>. Acesso em: 2 set 2017.

THE BIOGRAPHY.COM WEBSITE. Langston Hughes Biography. S.d. Disponível em: <http://www.biography.com/people/langston-hughes-9346313#related-video-gallery>. Acesso em: 09 jan 2017.

TIDWELL, Jonh Edgar; RAGAR, Cheryl, R. Langston Hughes revisited and revised. In: _____. *Montage of a dream: the art and life of Langston Hughes*. Columbia: University of Missouri Press, 2007, p. 1-15.

WILLIAMS, Regenia N.; WILLIAMS, Carmaletta M. Mother to Son: The Letter from Carrie Hughes Clark to Langston Hughes, 1928-1938. In: TIDWELL, Jonh Edgar;

Littera Online

n. XVIII, 2019

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

RAGAR, Cheryl, R, (Org). *Montage of a dream: the art and life of Langston Hughes*. Columbia: University of Missouri Press, 2007, p. 106-124.

WORD REFERENCE.COM. Disponível em:
<https://forum.wordreference.com/threads/acoming-achanging.616625/>. Acesso em: 07 set 2017.

YOUNG, Robert. Langston Hughes's red poetics and the practice of "Disalienation". In: TIDWELL, Jonh Edgar; RAGAR, Cheryl, R, (Org). *Montage of a dream: the art and life of Langston Hughes*. Columbia: University of Missouri Press, 2007, p. 135-146.